

O RACISMO E A EXPLORAÇÃO VESTEM A CAPA DA DEMOCRACIA

CABO-VERDIANOS DA "TORNEARIA DE METAIS, LDA." FALAM DAS SUAS CONDIÇÕES DE TRABALHO.

A "Tornearia de Metais, Lda.", com sede em Queijas - Carnaxide, tinha em Abril cerca de 230 metalúrgicos. Emprega elevado número de mulheres e cabo-verdianos. O motivo é explicado pela própria empresa: "O trabalho das mulheres e dos africanos, por via da maior oferta que se vem verificando desde há vários anos a esta parte, veio substituir, em boa parte, o trabalho antes praticado por menores de 20 anos, nos circuitos de produção de mais baixa responsabilidade e rentabilidade".

Conclusão: explorando o desemprego gerado pelo capitalismo, o próprio capitalismo encontra aí um modo de aumentar a sua exploração, recorrendo a uma ~~x~~ melhor e mais produtiva força de trabalho adulto, pelo mesmo dinheiro com que já explorava os menores.

A empresa orgulha-se de defender(?!) os seus trabalhadores e congratula-se com a "nova democracia" do 25 de Abril! Tenta iludir os trabalhadores com "esquemas de salvação da 'Tornearia de Metais'!" Até se dá ao luxo de acusar de fascistas e "ligadas ao mais despótico, arbitrário, dementado e ganancioso capitalismo" as instituições de crédito com que contava para o financiamento do seu processo de exploração! Quem diria?! Os exploradores acusam-se! Fará isto parte do esquema de salvação mútua e do jogo da "nova democracia"? Da mesma forma que batem palmas ao Governo Provisório, com P"O" e PS à cabeça e com a missão de "terem mão nos trabalhadores" e defenderem a unidade(!) entre exploradores e explorados, a fim de consolidar a "democracia"... Quem diria! O capitalismo alegra-se com a boa obra dos "comunistas" de Cunhal no governo.

Foi, com certeza, dentro do seu elevado espírito de "humanismo e justiça" que esta empresa, após a saída dos novos (e miseráveis!) salários dos metalúrgicos, procedeu à imediata desclassificação das mulheres e africanos!...

Mas os operários não se deixam iludir. Eles falam-nos da democracia de tais patrões, de como são por eles "defendidos", do seu elevado "humanismo" e mostram claramente onde se deve situar a luta pelo pão e pela libertação do povo. (261)

P. - Vivem todos aqui?

1 - Vivemos todos aqui nestas duas barracas ao pé da fábrica. Somos vinte e tal. Temos 6 camas em cada barraca.

9 - Só nos vamos arranjando, porque uns trabalhamos de dia e outros de noite e não dormimos todos ao mesmo tempo. Mas quando não trabalhamos, por exemplo no domingo e sábado, já não chega mesmo. Ficamos por ali.

(As barracas têm apenas espaço para as camas - umas por cima das outras - e para nelas terem as malas amontoadas.).

1 - Olhe, no inverno não se pode estar lá com o frio; no verão não se pode estar lá com o calor. Estamos muito mal. E parece que neste fim de semana a gente vai ficar na rua. O patrão disse que a gente só tem direito a ficar aqui 8 dias. Que a Câmara disse que se acabava a licença. Eu queria saber se nós podemos ficar aí pela rua.

Eles disseram para a gente procurar um lugar para a gente ficar. Eu gostava de ir arranjar uma casa. É lógico. Mas o salário que recebemos não nos chega, não nos faz a protecção. O que é certo é que vem o guarda dizer: "tem que sair agora". Mas eu só saio com outra casa ou com passagem paga para a minha terra.

10 - O patrão diz que temos de sair e diz que são os processos da Câmara. Mas nós não queremos sair. Primeiro, porque o dinheiro que o patrão nos paga não chega para arrendar outra casa; e depois eles nem sequer nos dão o dinheiro que já está decretado.

Porque eu considero que, desde que a Câmara mandou, é porque também ordenou ou tem na ideia que todos os trabalhadores estão a ganhar em termos de pagar em qualquer lado. E nós não temos recebido isso. E se nós formos acercados por causa disso, estamos na disposição de nos defendermos. Agora eu pergunto: que ajuda é que nos poderão dar os sindicatos ou alguém?

Portanto, nós queremos assim: ou arranjar-nos uma casa, ou pagarem-nos o salário para podermos pagar a renda da casa e então não precisamos que o patrão tenha responsabilidade por nós.

P. - Perguntámos que estudos tinham. Um tinha o 1º ano e era desenha-

dor

em Cabo Verde e ganhava lá 1200\$00 por mês; um outro tinha a 4ª classe que já tirou depois de vir para cá; havia alguns com a 3ª classe e a quase totalidade nem sequer a 3ª classe tinham. As idades andavam entre os 15 e os 32 anos, sendo a maioria entre os 18 e os 21 anos.

10 - Os nossos estudos são variáveis, porque nem aqui nem lá temos possibilidades. Havia umas professoras-monitoras, mas essas professoras são uns enganões. O motivo porque eu estou um pouco colérico sobre ~~as~~ ~~os~~ ~~Verde~~ o problema do estudo é porque lá em Cabo Verde é só sofismar a escola. Não dão a cultura total.

P.- O que os fez sair de Cabo Verde e vir para Portugal?

1 - Vim para aqui trabalhar. Vim de lá porque lá ganhávamos menos e eu acho que aqui há mais dinheiro. Mas eu agora tenho a minha profissão ~~que~~ e ganho menos do que o servente. Ganho 2.800\$ por mês. E eu acho que isso não pode ser, porque todos os brancos têm direito a 4 contos e tal e outros 6 contos e tal. E então eu acho que isso não pode ser. Quando todos fazemos o mesmo serviço, eu acho que podemos ganhar igual.

13 - Nós, ao virmos para Portugal, viemos completamente enganados. Mas a verdade é que a nossa vida estava muito precária. E como já cá estavam muitos, e com aquela garantia de que Lisboa é uma terra onde se ganha mais, olhe viemos. Mas afinal viemos para cá e assim estamos com tanta miséria que... Há muitos que vieram há menos de um ano e já estão em Cabo Verde, porque a situação foi difícil. Uma pessoa chega de Cabo Verde e começa a ganhar 90\$00 para sustentar a nossa pessoa, vestir e mandar às famílias em Cabo Verde. Isso não dá. E há outros aqui que ganham 65\$00 - 800\$00 por quinzena. Um que ganha 80\$00 foi pedir ao patrão se não é digno de ser aumentado e o patrão diz que não pode ser e expulsou o gajo. Só por ter pedido o aumento.

1 - Outro também estava de férias. Quando foi outra vez pegar ao trabalho - chamado pelo patrão antes do fim das suas férias - logo o patrão o mandou embora, porque lhe quis acrescentar mais 10 peneiras. O serviço era muito. Não podia fazer aquilo tudo. O patrão mandou-o embora. Eu acho que isso não pode ser assim.

10 - Sobre o assunto da nossa vinda de Cabo Verde, nós, cá dentro desta caserna, não podemos explicar suficientemente. Algumas pessoas aqui mesmo na Metrópole já nos explicaram que a nossa exportação para Portugal foi devida a revolução que estava a acontecer em África e que já existe há 14 anos. ~~E por isso isso~~ Por vezes a nossa falta de estudo impede-nos de compreender e ~~atrapalha~~ atrapalha-nos, porque não temos ideias claras sobre o que podemos fazer. Por isso somos mastigados, torturados. O que eu sei é que vivo há dois anos e qualquer coisa a trabalhar na base da economia, e ~~que~~ o preço não chega. E nós não precisamos só de dinheiro, mas também de poder conseguir conhecimentos.

Muitos de nós pensávamos que com a nossa vinda as coisas correriam melhor. Mas isso não aconteceu. Nós vivíamos na nossa terra, com um clima que não nos prejudicava a vida. E com o processo do Governo de virmos para cá já desde 1971 - porque esse foi um processo do governo - só causa a cólera, a irritação do povo de Cabo Verde. Esse é só um processo para contrariar o povo. E nós vamos a sustentar fome muitas vezes. Em 1971 as coisas custavam menos. Agora estão mais caras. E assim alguns de nós pensámos que o aumento das coisas no país foi o processo pensado pelo governo, para poder tirar o rendimento das pessoas à custa das pessoas. Isso é o nosso pensamento.

P. - Quer dizer que o aumento do custo de vida apenas torna mais pobres os trabalhadores que já ganham pouco e aumenta ainda mais a riqueza dos que exploram o trabalho doutros.

10. - Sim, isso é verdade. O que podemos referir é que já ganhávamos pouco e agora continua a ser na mesma. Os patrões fazem conforme entendem. Eu penso que o salário devia ser justo ao trabalho.

9. - (Para virmos para Portugal, nós tínhamos que pagar 2.270\$00 por pessoa só de taxa militar. Depois a pagar as passagens 5 contos e tal, 4 contos e novecentos.) Uma pessoa, naquele tempo, para vir para Portugal, gastava 10.000\$00. só ~~andar~~ documentos e viagem.

10. - O governo nunca auxiliou ninguém para cá vir. Foi nós lutarmos pela vida e ajudarmo-nos uns aos outros. Por causa de uma crise de 5 anos. Mas está no pensamento de muitos de nós, que já têm ideia lógica, que essa crise está também na base do governo que não deu apoio a essa terra. Não auxilia completamente nada: nem pela base do estudo

nem pela base da crise. E ainda arranja outras coisas que agrava mais as crises. O governo antes do 25 de Abril.

P: - Então e o ~~governo~~ governo actual?

10.- O governo actual de Cabo Verde não sabemos qual a situação dele.

9 - Agora, por favor, o sr. explique-me qual o motivo porque a mulher cá ganha mais do que nós. A mulher ganha 3.600\$00 e ele diz que nós vamos ganhar 3.300\$00. E porquê?! Há muita dificuldade para nós só por causa da côr. É por isso que há revolta. Porque tudo são dificuldades. Eles dizem!; Ah! os pretos vão lá para as suas terras!

P. - Eles quem?

9 - Toda a malta daqui.

10 - Os patrões. É que embora o patrão por vezes não nos fale claro, quem tem os meios que ele tem para compreender as coisas logo compreende. É que nós compreendemos as coisas não só pelas palavras mas também pelas atitudes. Podemos não ter a escola suficiente para dar-nos a cultura suficiente. Mas quando estamos a lutar com qualquer pessoa, a gente conhece logo o que está a acontecer.

9 - As condições de vida ainda ficaram pior para nós.

8 - Eu estou despedido. Eu estava a trabalhar com 24 peneiras. O patrão disse-me que eu tinha que trabalhar com 34. Eu disse que trabalho com 24 peneiras e não com mais. Ele disse; "se não quer trabalhar com isso vai embora".

P. - O que é esse trabalho?

10 - É um trabalho de ácidos. É uma das espécies de trabalho que ali faz muito mal. Tem um cheiro desagradável e muitas pessoas não se dão bem para o estômago. Os cestos têm um pouco de peso. E quando a gente come, ou mesmo quando se está longo tempo a trabalhar nisso, faz mal ao estômago, não faz a digestão. Isto prejudica-nos bastante. Mas nós temos que manter as ordens do patrão e sofrer essa angústia. Esse trabalho é só para os cabo-verdianos.

1. - Pois é verdade! E agora o patrão ainda nos diz que não dá 28 dias de férias à gente. Que só dá 15 dias.

P. - Se não é possível trabalhar com 34 peneiras, pelo menos sem grande esforço, porque é que ele quis aumentar o número de peneiras?

1. - Pois não é mesmog possível. Ele acrescentou o trabalho, por causa desses 3.300\$00 que ele disse à gente que íamos ganhar no mês de Agosto. Mas ainda não nos paga nada.

P.- (Todos começam por nos falar de casos concretos, por vezes o seu caso pessoal, mas para os ultrapassarem e nos darem uma imagem e uma análise da exploração a que estão sujeitos).

9 - Eu ganho 2.500\$00, mas não chega para nada. Eu trabalho sózinho ~~xxx~~ ~~xx~~ como os brancos, nas mesmas máquinas. Os brancos ganham 4 contos e tal, cinco e tal, seis e tal. E eu só 2.500\$00!

10 - Eu antes trabalhava nesta fábrica e ganhava 60\$00 por dia. Nem fazia as contas. Tinha vindo há pouco tempo e não sabia o suficiente. Nem me sabia movimentar na estrada.

Trabalhava 12 horas por dia. Desde as 8 horas da manhã até às 12 horas da noite, porque foi ordem do patrão dar-nos horas. Mas essas horas que nos dava, não nos dava para aumentar a vida. Davamos para enganar a vida. Trabalhava esse tempo e nunca mais chegava a ganhar durante a quinzena mil escudos. Nunca chegava.

O último dia em que estive, em que eu trabalhei durante uma quinzena toda desde as 8 horas da manhã até às 12 da noite, eu não sabia quanto é que eles me pagavam. Saí no fim da quinzena e quando vim a receber o meu salário, não chegava a mil escudos. E a gente só picava o cartão e lá ia. O outro colega meu fazia a comida. Eu estava influenciado a ver se conseguia salvar a vida. Salvar a vida não. Matar a vida. Mas lá continuava a trabalhar. Era a cortar anilha e aquilo me fazia dor ao braço e, de sempre me baizar, me fazia também mal à digestão. Mas a gente tem que sofrer. E se o médico sabia, via que aquilo fazia mal.

P.- Mas o médico não vigia essas condições de trabalho?

10- Ele não tem tempo para isso.

1. - Ali, onde eu trabalho com o ácido, o médico foi lá, mas o que ele disse foi para darem à gente um bocadinho de leite, para não fazer mal ao estômago.

13 - Eu trabalho na secção de estampar a frio, nas três máquinas. Trabalhávamos lá, dois cabo-verdianos. Eu montava, desmontava, transportava os materiais para onde eram destinados.

Depois o meu colega exigiu aumento de vencimento e o patrão despediu-o. Recebíamos dois contos ~~cento~~ trezentos e tal por mês, e ele pedia pelo menos horas extraordinárias para fazer. Pedia mais trabalho para ver se se desencrascava mais com a vida.

9 - Mas o que é ganhar 10\$00 por uma hora extraordinária!

13 - Nós sabíamos que o que precisávamos era ganhar mais. Mas o patrão não dava mais. E então despediu-o só por pedir horas extraordinárias. Mas eu fiquei lá trabalhar. Depois entrou lá um homem que é branco e tem mais de 40 anos. Com este aumento, o homem foi classificado como servente( a ganhar 4.500\$00) e a mim classificaram-me como aprendiz. Fui lá cima falar com o patrão e com o senhor doutor e disse-lhes que certamente eles não andavam a reconhecer o valor e a quantidade do meu trabalho. E disseram-me que se eu não quisesse ganhar 3 contos, para fazer a minha conta. Eu respondi: "Não, eu não faço. Espero para ser despedido."

E acho que isso está muito mal. Eu disse a ele que se eu não tenho idade para ganhar pelo menos 4.500\$00, assim como aquele homem está a ganhar, e eu por ter menos de 20 anos já não posso ganhar mais que 3 contos, então eu acho que também não podia fazer o mesmo trabalho. E eu faço o mesmo trabalho. E um senhor que trabalha na minha secção esteve a dizer a uns senhores do Sindicato que cá vieram que eu sou muito jeitoso. Que ando a montar e desmontar as máquinas e a fazer tudo. Que nunca me recusei fazer nada. Trabalho de boa vontade. Isto disse aquele homem com quem eu ando a trabalhar e que conhece o valor do meu trabalho.

Fomos lá cima um dia todos pedir aumento ao patrão e ele esteve a dizer que os cabo-verdianos são todos serventes. Eu disse que cada um de nós tem a sua profissão. Mas agora o patrão já diz que todos os cabo-verdianos são aprendizes.

P. - Vocês como serventes têm que receber pelo menos 4.500\$00. Porque é que o patrão os reclassificou agora como aprendizes?

1. - A gente faz o mesmo que fazia. A mim transportaram-me de um lado para o outro para ficar como aprendiz, porque onde estava lá um ano e meio já sabia. E onde estou agora já não posso ser aprendiz, nem servente, porque já sei e não estou a servir ninguém.

10 - Nós sabemos bem que o patrão tem uma ideia sobre a economia dele.

E por esse motivo faz o processo dele conforme se entende. O trabalho continua da mesma forma, e o salário ainda não passou do aumento dado pelo governo, e ainda não nos paga. (Esta entrevista teve lugar no dia 13 de Julho).

Olhe, o patrão lá anda a tratar segundo os seus processos. Muitas vezes pensam à noite as coisas para desenvolver os seus processos. Há dias que eles dizem que somos serventes; há dias que dizem que somos aprendizes. São sempre os graus mais baixos que eles nos querem dar. Cada dia diz uma coisa e está-nos a atrapalhar a nossa vida. Faz-nos dar cabo da cabeça a pensar.

13 - Um dia fomos lá cima ao escritório exigir essa diferença que há entre os brancos e os da nossa cor. Estivemos a dizer; porque é que andamos a trabalhar juntamente com os brancos, exercemos a mesma função, trabalhamos na mesma coisa e classifica-nos como aprendizes, e os que são brancos classificam-nos como serventes e ganham 4.500\$00, outros 4950\$00 como oficiais de 1ª ou de 2ª?

O patrão esteve-nos a dizer que nós aqui temos alojamento, que não sei quê, que os brancos têm que ir pagar a renda de casa...

E também perguntámos porque é que as mulheres ganham mais do que nós. O patrão disse que as mulheres são mais ágeis nas mãos, que também têm de pagar rendas de casa.

Então pedimos para nos tirar da caserna e dar-nos o vencimento que é devido, e a gente vai procurar outra situação.

Depois ele desenrascou lá e acabou com a conversa.

Ora eu trabalho como os brancos ou mais. Porque além de trabalhar com 3 máquinas, com suor e tudo o mais, tenho que transportar para o forno, tirar as peças do forno, cheio de fumo e ~~tudo o mais~~ saio preto que não sei quê. Sou preto, saio mais preto ainda. E quando termino isto já encontro os meus trabalhos naquelas 3 máquinas a meter peças, a tirar peças. Sempre a correr e com suor. E naquela fábrica eu tanto sou capaz de fazer trabalho de escritório como de oficina!

Eu acho que deve ser assim: há este trabalho para fazer. Tenho menoridade, mas faço. Aquele tem maioridade e também ~~pode tirar~~ <sup>ganhar</sup>. Ora temos que ganhar igual. Mas o patrão, não. Diz que eu não posso ganhar mais do que 3 contos porque, embora fazendo o mesmo, tenho menos idade do que o outro que tem maior idade, é classificado como servente e ganha 4.500\$00.



P. - Então e o caso daqueles <sup>de nós</sup> que também já têm maioria?!

9 - Pois é isso!

13 - Mas olhe, nada disso acontece com os brancos que cá trabalham. A culpa é também do encarregado geral e daqueles que não reconhecem o valor do nosso trabalho. Mas a nós, por termos a côr diferente, tratam-nos de modo diferente. Até porque eu cheguei com os meus braços junto dos dele e mostrei que a minha côr era diferente, mas que agora não há nada disso. Disse a ele que pensava que o fascismo já tinha acabado, mas que o patrão ainda continua ~~fixxixixix~~ com fascismo.

10 - O patrão não só continua fascista, mas continua também capitalista. Capitalista é estudar a sua economia à custa da outra pessoa. Estou a referir que o patrão não só pensa no fascismo, mas pensa a exploração das pessoas sobre a economia. Não nos dá o que é merecido. Expulsa (tira) do que é o nosso ter, para ele. <sup>13</sup> E todos nós estamos com receio de irx lá pedir qualquer coisa, porque se formos lá dizer que estamos a ganhar pouco o patrão diz logo: "vá-se embora".

10 - Mas tinha outra pergunta a fazer: nós, os cabo-verdianos, em qualquer lado que trabalhamos temos muitos encarregados. Ora quando nós fazemos um contrato com um patrão é para fazermos um trabalho e não para fazermos tudo. E aí nós temos muitos encarregados a mandar-nos e a gente não sabe a qual obedecer. Ora eu penso que isso não está bem assim.

P.- Em todos esses problemas não encontram apoio por parte dos vossos colegas brancos? ~~de trabalh~~

10 - Nós não dizemos que os brancos estão contra nós, nem é isso que nos interessa. Nem queremos até saber se as mulheres podem ganhar mais ou menos. O que estamos a referir é se estão ou não obrigados a pagar-nos como está na lei. E também queremos saber se só podemos ter um encarregado e se temos de fazer todos os trabalhos diversos, menos aquele que combinámos com o patrão. E queremos saber também se quem quer que seja tem o direito de dar-nos mal-estar e tem o direito a pensar conforme ~~o seu~~ o seu egoísmo para que nós, negros, aturemos a vontade deles.

Eles estiveram a fazer complicação sobre mim na fábrica, porque cada qual queria que eu trabalhasse para todos. Eu também não sou animal. Eu não digo nada, porque nós temos que pensar a vida e as di-

-10-

ficuldades são enormes e nós não podemos andar de um lado para o outro. E como nós não temos segurança nenhuma (eu uma vez fui despedido e fui ao sindicato <sup>da Constante Lina</sup> e disseram-me que tinha direito; depois fui lá outra vez e já não tinha nada!), e por isso os patrões andam a gozar completamente com as pessoas. É que os patrões muitas vezes tomam connosco conversas que pensamos ser boas conversas, e é só para ver a situação da nossa vida. E muitas vezes nos tomam essa posição para nos contrariar a nossa vida. É sempre assim.

Esta é a situação de todos os cabo-verdianos. Agora o que eu queria saber é se todos têm que mandar em nós.

P.- Mas a lei diz reconhecer-lhes certos direitos que, apesar de tudo o patrão não respeita. Acham então que a lei é suficiente para os defender?

IO - Ah! isso, sem que alguém me explicasse, já estive a estudar. É que eu considerei que muitas empresas eram dos próprios ministros. É que as nossas causas não temos nenhuma solução a procurar em qualquer lado. <sup>Se eu vou lá ao Ministério vou fazer o Tribunal de Trabalho, vou fazer o Sindicato e muitas</sup> O governo devia ter também uma solução sobre o povo, para <sup>o povo não</sup> poder ~~ter~~ também o povo viver no país.

P- O Ministério do Trabalho já tem conhecimento do vosso caso. Ele já se interessou por resolver o vosso problema contra a exploração de que são objecto?

1. - Eu nunca fui lá.

IO - As leis que estão a ser decretadas não foram estudadas pelos trabalhadores, porque os níveis dos trabalhadores não chegam a estudar as leis, E por esse caso foram as leis talvez do sindicato e do governo. (Então eu considerava que o governo podia fazer que, quando o patrão pretendia dispensar uma pessoa do trabalho por uma causa justa, devia dirigir uma carta ao sindicato. Porque muitas vezes estamos a ser despedidos arbitrariamente, sem causas nenhuma. Bem! o patrão despede sempre sem motivo.

Eu já estive uma vez na carpintaria. Por não haver uma vez trabalho, mandou-me contar os ferros, para fazer umas coisas que não sei explicar. Mas era sair do trabalho de carpintaria. E nesse caso eu recusei que não ia; não gostava de mecher naquilo. Quando fui pedir o trabalho ao patrão, eu pedi o que queria. Se o patrão não me desse, eu iria procurar noutro lado até encontrar. Se não encontrasse, sabia

a situação da minha ideia e conforme eu tinha que resolver o caso. E por isso me despediu arbitrariamente.

Mas o caso agora é o seguinte: o meu colega foi despedido. Foi ter com o sindicato e o sindicato dizia uma coisa. O patrão não aceitou e as coisas ficaram abandonadas, porque estava a ver perder o tempo e o tempo já não volta atrás depois de perdido. E é nesse caso que eu agora me estou a referir que os sindicatos exercessem uma forma sobre os patrões que, quando desejassem despedir uma pessoa, fizessem um processo dirigido ao sindicato.

P. - Mas, se a lei não é feita pelos trabalhadores, parece difícil que ela consiga defender os trabalhadores.

10 - Nesse caso eu considero que os que são doutores, etc., esses que nós vamos trabalhar para eles, andam a processar as leis contra nós. Porque eu considero que é o povo que é a potência da nação, o povo é que trabalha pela nação, exercem tudo na nação, e esses doutores andam a processar leis contra as pessoas. Nesse sentido não existe governo, porque considero que o governo que existisse devia existir como governo para todos.

P. - Mas enquanto vocês ganham 3, há outros que ganham 6, 10, 30, 50.

10 - Mas então nesse caso não é preciso estarmos a gastar o tempo como está a acontecer desde o 25 de Abril até agora, e nesse caso continua a ser uma coisa pior. Dizemos que vai estar melhor e nunca mais é melhor. Estamos só perdendo tempo e o tempo não volta atrás e tudo está cada vez mais pior.

P. - Então depois do 25 de Abril as coisas continuam na mesma ou pioraram?

10 - ~~Não só que depois do 25 de Abril ou está na mesma ou pior.~~

~~que~~ O que nós concluímos e o que nós compreendemos é que as coisas estão a aparecer pelo pior. É que o povo que trabalha pelo país ou pela nação, esse povo não tem direito nenhum. Só os doutores é que têm direito. E mesmo nos quadros do governo eles não decretam essa lei como é que o povo tem que pensar, se vai ser o homem ou a humanidade com os mesmos direitos para todos.

P - O que pensam de certas medidas que têm sido tomadas contra as

greves dos trabalhadores, por exemplo, dos C.T.T.?

10 - Eu considero que a libertação dos homens não está na base do governo, mas na base dos patrões. Porque os patrões é que vão mastigar as pessoas totalmente. Porque todos nós nos levantamos de manhã e separamo-nos cada qual para uma casa. Mais tarde um governo vem sobre um país, como aconteceu com Spínola, dizer que vem libertar os homens. Mas eu encontro que os homens não estão assim a ser libertados pelo governo, mas estão fora de liberdade, porque estão por baixo dos patrões.

P. - Consideram importante que se dê aos trabalhadores a possibilidade de falarem em seu próprio nome, de se manifestarem como entenderem e quando entenderem? Que sejam os cabo-verdianos a falar sobre os cabo-verdianos?

10 - Todos estamos a sentir essa necessidade. Nós é que muitas vezes temos dificuldade a falar e dificuldade a perceber as coisas. É que eu já referi tantas vezes que é o povo que luta pelo país, que é o povo a potência do país, que os doutores que ganham mais não querem saber da situação do povo. Nesse sentido, o povo muitas vezes quer saber qual é a forma para agir.

Eu considero que o governo devia decretar, como decreta também 3.300\$00, que todos ganhassem preço igual. Porque o povo fica todo irritado quando vai fazer as compras: uns trazem o cesto mais cheio e outros mais baixo. Estou a referir que o governo evitasse a luta total do povo, partisse a contradição do povo e mandasse dar a todos os homens igual. Não os 30 e os 40 contos como os governadores e os outros doutores, mas ordenados iguais.

P. - Acham então que os doutores devem ganhar 30 contos?

10 - Isso é muito difícil de explicar. Porque antes de tratarmos de resolver certos assuntos temos de pensar, antes disso, seguir outra linha. Primeiro precisamos de resolver alguns dos nossos assuntos (dos assuntos do povo de base mais baixa) e depois é que vamos a esse problema dos doutores.

Os doutores têm sempre despotismo sobre a gente, porque têm o poder maior que a gente nesse sentido. E a causa para mim está muito ao contrário. Já estive muitas vezes a pensar que os doutores podem querer ganhar mais, por dizer que estudam mais, perdem o tempo, têm uma

normalidade científica. Mas a dependência do povo em relação aos doutores está na falta de força, porque somos pobres e não temos saber para nos libertarmos dos doutores e respondermos ao saber deles.

P. - Como é que os trabalhadores poderão ganhar essa força?

IO - Eu vou referir uma coisa: se o povo se tornasse todo unido, talvez o povo se tornasse muito mais doxx que os doutores. Mas eu considero que os doutores do governo estão a pensar ao contrário, por terem que o povo qualquer dia pensasse uma maneira... Eles sabem que a ideia do povo ainda não chega para essa altura. É que eu acho que qualquer coisa para ser derrubada é pela arma. As armas agora eu estou a considerar que os doutores as têm todas na mão.

P. - Então deviam entregar armas ao povo?

IO - Sim. Mas por muitas pessoas já terem ~~falado~~<sup>pensado</sup> nisso, eu não queria falar sobre o mesmo tema. Eu podia dizer logo que o povo já devia ter armas na mão e a lutar. Eu considero que muitos homens (não os doutores) já têm pensado nisso em muitos países, por ser o seu modo de lutar contra as dificuldades. Em certas circunstâncias não podemos lutar logo com armas na mão, mas temos que começar a lutar com as dificuldades, para depois podermos chegar ao ideal que poderá ser de armas na mão.

Talvez ao povo não interesse ganhar mais do que 10 contos, porque o povo trabalha. Ele quer ter o que trabalha. E se o povo disser: queremos ser criminosos, é porque queremos abater uma coisa e derrubar as coisas. É porque queremos apenas tirar os doutores. Mas como são os doutores que ainda têm o poder, eles proclamam que essa atitude do povo é criminosa. Nesse sentido o povo pode desejar ser criminoso, para se defender. Agora eu pergunto se o senhor nunca pensou de que o povo poderá encontrar uma maneira de entrar em solução, de se organizar, para encontrar a força de bater as forças maiores do que o povo. As forças maiores do que o povo, que eu estou a dizer, são as classes como doutores e isso, que eu considerarei que agora são mais fortes do que oxx povo.

P. - Então o povo não está preparado?

IO - Não. Devemos estar. Os receios é que nunca deixaram alcançar a vitória. Alguns têm medo de fazer certas coisas, porque dizem que é para cumprir o dever e não pecar contra Deus. Mas ter medo de fazer

as coisas é que é o próprio pecado.

P. - Então o que é preciso? Avançar?

10 - É verdade. Mas receios eu também tenho. É que o povo não quer matar os doutores, que são os doutores da medicina, mas sim os doutores da dificuldade. Só querem acabar com os doutores que não são doutores, os doutores que julgam ser doutores dos homens, porque dominam à força, e criando dificuldades ao povo. Esses doutores devem pensar. Porque quando eles estão a traçar uma linha no papel, estão a julgar ser melhores do que as pessoas. Mas na minha intenção não existe o rei para esse reino. É que todos nós devíamos ser o rei do reino, ou então, todos nós devíamos ser o povo da nação. Os doutores sabem perfeitamente que quem dá o apoio aos doutores para fazer qualquer coisa é o próprio povo. Muitas vezes o povo vai ser criminoso em qualquer outro país, porque não vai defender um programa do povo. Os doutores, por vezes, para defenderem os seus interesses, dizem que é uma causa do povo. Eles dizem isto, porque sempre precisam do povo para lutar.

13 - O patrão comunicou a todos que na 2ª quinzena do mês de Agosto íamos receber os aumentos mencionados. Queríamos saber se tínhamos o direito de receber 3 contos e os brancos 4.500\$00, 5 contos e tal.

P. - Claro que têm direito a receber o mesmo, uma vez que fazem o mesmo trabalho. Já receberam algum apoio do sindicato dos metalúrgicos?

10 - Estamos à espera. Eu considero que o sindicato podia criar uma delegação e nós então já tínhamos força para exigir o nosso dinheiro: O povo tem receio, por não ter nenhuma delegação. Toda a luta tem que ter um chefe. E principalmente nós, os de Cabo Verde, não estamos ainda em condições de ir à frente da luta, mas estamos em condições de a apoiar.

P. - E se esse apoio falhar ou não for eficaz?

13 - Nessa conclusão, se o sindicato não nos pode resolver, ora então dizemos que o patrão está controlado com os homens do Sindicato.

10 - Sempre nós considerámos que não só os doutores do Ministério ou de outro lado, que são os doutores que dizem que vão fazer a libertação do povo, mas nós sempre considerámos que há muitos "minis-

tros" do sindicato que são chefes das oficinas e que por isso as coisas não podem correr em ordem.

Eu considerava que todos os que aí trabalhavam eram mesmo trabalhadores. Que não existiam essas coisas todas. Na minha os homens que eu conhecia eram os trabalhadores. Não sei se era por pouca idade.

P. - Então qual é a ideia que têm do sindicato?

10 - Nós muitas vezes pensámos que o sindicato era para protecção do povo. Mas há certos casos que nos levaram a uma conclusão que não vem a ser a protecção do povo. Porque já fizemos várias queixas, exigências mesmo do nosso direito que sabemos mesmo por termos visto nalgum livro, e não houve solução.

1 - Confusão connosco há em todo os lados. Até na taverna há comida sempre mais pouca para nós. Porquê? Não sei. E pagamos igual! E tudo isso tem a dizer, para saberem que nós cá estamos mal.

(Continua na página 15)

275

E para nos sobrarem uns 2 escudos para mandarmos para a mãe e o pai lá para a terra temos de comer somente arroz. E nós todos cá andamos doentes por falta de vitaminas. O nosso dinheiro não chega para nada.

Ouvi dizer que "o povo unido jamais será vencido". Mas para mim não será vencido, porque quanto mais pior. Estou a ganhar conforme estava. E vida está mais cara. É por isso que eu acho que não está nada vencido. Está é mais pior.

IO - A miséria está ligada com a potência da economia do país. Lá, em Cabo Verde, podíamos ganhar menos e aqui mais. Mas a miséria continua a ser a mesma, por causa do nível de vida do país.

P. - O que pensam dos movimentos de libertação das colónias, em particular do PAIGC? O que significa para vocês a luta do P.A.I.G.C. pela libertação da Guiné e de Cabo Verde?

5 - A gente quer que todos comam. A gente não quer que uns comam e outros andem com fome. A gente quer unidade - uma irmandade. E há gente com fome, porque há muitos que têm demais. Aqui andam sempre com des-trinça, e a gente não quer des-trinça nenhuma.

IO - Quanto ao movimento de libertação, nós não sabemos bem explicar. Alguns cá dentro podem dizer que nunca ouviram falar disso. Quanto à explicação da luta, talvez o nosso nível não chegue para dar uma conclusão, Agora nós podíamos fazer uma pergunta: Se tem a dar-nos alguma explicação sobre isso.

Como falou da frente de libertação e do P.A.I.G.C., o que eu estou a perguntar é se o P.A.I.G.C. está a lutar contra esse povo ou então está a lutar no sentido da igualdade do povo.

P.- Porque é que vocês não sabiam?

IO - Isso agora eu podia explicar que principalmente não sabia porque andava lá para fora no trabalho do campo.

P. - Mas é no campo que a exploração é maior...

IO - No trabalho do campo é que é a exploração. Mas agora eu queria saber se o P.A.I.G.C. está contra esses que andavam a mastigar a gente para trabalhar para eles. Quer dizer: eu estava a perguntar se sabe se o PAIGC ~~est~~ anda a lutar contra essas pessoas que lá iam explorar a gente. Porque eu compreendo que quando se fala de libertação fala-se do tema da guerra. E nós não sabíamos que a guerra existia. Só depois do 25 de Abril é que soubemos que a guerra existia. Todos os dias íamos cavar aos 15\$00 5 metros de terreno, e não sabíamos nada.



Tínhamos lido na escola a história da independência e da restauração de Portugal. Mas doutra coisa não nos falavam nada.

P. - O P.A.I.G.C. pretende conduzir a luta dos povos das colónias para a sua libertação da exploração capitalista, do colonialismo e imperialismo. Libertar os que trabalham as terras, daqueles que exploram o seu trabalho.

IO - Sim, compreendo. Não quer que lá ficassem os capitalistas e colonialistas a explorar na mesma. Agora pergunto: querem ficar lá eles?

P. - Eles quem?

IO - Os P.A.I.G.C.

P. - Não. A libertação será para restituir as terras e as fábricas ao povo que nelas trabalha.

IO - Sim. Não são os que estão lá a lutar que querem ficar como doutores eles para nos mastigar a nós, mas tirar os que estão a mastigar-nos, para que nós fiquemos livres e a trabalhar. Ah, bem! Agora já percebi.

P. - Então e qual é a vossa opinião perante uma luta com esse fim?

IO - A nossa opinião é que queremos ser o homem livre. (Simplesmente nós estamos agora aqui a gravar umas coisas, mas o que nós não sabemos é se os doutores não terão uma outra potência e se isso não irá servir para outra história que eles vão arranjar.)

Agora está-nos a perguntar se o P.A.I.G.C. tiver vitória, se nós também temos vitória para regressar ao nosso país? É que eu penso que nós queremos é estar por aí onde quisermos, a lutar onde nos encontrarmos, porque alguns de nós podem querer estar noutros países, até para estudar.

P. - Eu penso é que a luta dos negros que estão aqui em Portugal é ao lado de todos os outros trabalhadores, contra a exploração que os oprime aqui. E esse é a melhor forma de apoiar aqueles que lutam em Cabo Verde, na Guiné, em Angola ou em Moçambique, pela libertação.

IO - Sim, agora já estou a perceber. Quer dizer que o P.A.I.G.C. é um partido que está contra a exploração dos que lá estão, e que nós temos de estar em ligação com os que, aqui, estão contra a exploração.

P. - Hoje, aqui em Portugal, há vários partidos e todos eles dizem que são pela libertação do povo. Alguns deles fazem parte de um governo que, como acabam de dizer, ainda não melhorou em nada as vossas condições de vida.

10 - Quando eu falo no povo, falo nos de classe mais baixa. Nesse sentido quase compreendi que não estão bem a favor do próprio povo, mas em base quase equilibrada dos patrões, porque não querem dar tudo. Não estou a dizer que o povo ganhasse o que pretendesse, se pretendesse ganhar muito. Mas ao menos o decretado. Mas eles não estão a dar esse equilíbrio e força ao povo. Então eu considero que esses partidos estão a enganar completamente o povo. E, quando dizem ao povo que o defendem, estão a enganá-lo.

P. - O que se tem passado com vocês quanto aos despedimentos?

8 - O meu colega não dá pedir aumento, porque 2.050\$00 é muito pouco. O patrão respondeu: "Se não se quer conformar com isto que está, vá-se embora".

A outro colega o encarregado quis que ele trabalhasse com 34 peneiras. A gente estava a trabalhar com 24. O meu colega respondeu: "Isso não posso. É muito e faz mal. O estômago sente-se mal". Ele respondeu: "Se não quer trabalhar com 34 peneiras vá-se embora".

Eu, além de quererem que trabalhe com 34 peneiras, ainda tenho que acarretar parafusos, porcas para o pé do ácido e acarretar parafusos para o pé da máquina. Eu acho que isto é muito. O patrão então disse-me que se eu não quiser trabalhar tudo isto que me vá embora. E agora ainda se recusa a dar-me o meu dinheiro do despedimento.

O patrão diz-nos: "O cabo-verdiano não sabe nada". Ele trata a gente como cães, como animais, como quer. E diz que não tem tempo para falar comigo. Diz que a falar comigo está a perder tempo.

O patrão perguntou-me: "O F... tem escola?" Eu respondi: "Não, o F... não tem escola. Eu é só para comer e dormir. O patrão que tem escola é que sabe mais que o F... Eu não sei nada!"

Perguntei: "porque é que o branco ganha mais do que nós?" Ele respondeu: "O branco trabalha mais. O preto trabalha devagarinho". Mas o trabalho mais rijo é só para os pretos! É o preto que trabalha na máquina, no ácido. A gente veio para cá para trabalhar, porque ou trabalhar ou morrer. Mas o trabalho mais duro é para o preto!

P.- Não há uma unidade de todos os trabalhadores da fábrica contra os despedimentos?

10 - Isso está muito mal equilibrado. Como somos um pouco mais de 20 cabo-verdianos, e na certeza de que os brancos estão a ganhar um pouco mais do que a gente (não sabemos ainda informar, porque só no fim deste mês é que vamos saber qual é o pensamento do patrão!), e como o patrão tem a intenção de não nos ter sempre aqui (não sei qual é a dificuldade), se nós preferirmos não trabalhar e fazer greve, ele então nesse momento fica mais grato, porque vai-nos pôr todos lá fora e sem complicações e sem a causa que ele andava a pensar.

Nesse sentido nós não vamos decretar greve, porque os brancos devem estar de melhor condição que a gente e nós assim estamos numa posição contrariada.

Nesse sentido eu queria perguntar se não há qualquer maneira de termos protecção, para alcançar sucesso nisso. Se nós teríamos protecção de alguém (de uma delegação) para mantermos a fábrica aberta, no caso de desistência do patrão e recusa de pagar-nos o dinheiro.

Nós trabalho queremos sempre. Mas eu já tenho dito muitas vezes ao patrão!: é que eu não só quero trabalhar 8 horas na fábrica dele. Mas depois de trabalhar na fábrica dele, ainda tenho mais a trabalhar para o meu trabalho pessoal e que me vale a mim. Eu depois do trabalho vou ler. E nisso é que a ideia dele está distanciada da minha. Gastando mais horas, perdendo mais sono, para podermos alcançar qualquer solução, como agora estamos a lutar pela vida do povo.

Essa pessoa que nós procurássemos e que viesse a manter a segurança da fábrica estaria a receber sempre a ordem dos trabalhadores, para evitar que tomasse qualquer acção que nos prejudicasse.

E se o patrão depois quisesse voltar à fábrica, que ele voltasse, mas com a ~~intenção~~ intenção de dar valor aos trabalhadores, e então que ele voltasse à fábrica, mas com uma condição de ser sem exploração e ainda de ser dirigido pelos trabalhadores.

P, - O que fazem nas horas que restam do trabalho?

10 - Passamos o dia em casa e por aqui, porque o dinheiro não chega para nada. Muitas vezes andamos aborrecidos, por estar sentados. Mas o que havemos de fazer, se a economia não chega... Fazemos aqui o comer.

1.- Comemos arroz e coisas assim, porque carne e fruta não podemos. Por isso nós somos doentes e não temos vitaminas suficientes.

10 - Todos os que cá estão desejam estudar, mas meios é que não temos.

P. - O que queriam ainda dizer como remate desta conversa?

10 - Olhe, nós queremos:

- Um só serviço. Quando os negros fazem um contrato com um patrão que seja um contrato para um trabalho específico. às vezes dão-nos uma ideia da casa e do trabalho e depois dão-nos o que querem, por vezes até trabalhos incompatíveis e fora das aptidões. Eles fazem contratos com os negros e depois só vão dar-lhes os trabalhos diversos. E fazem isto por considerarem que todas as ideias dos negros são inúteis, não têm uma experiência suficiente. Não é que a gente não saiba. Isso é uma forma de racismo.

- Um chefe apenas. Toda a gente quer mandar em nós.

- Não queremos que os encarregados sejam mãe ou pai da gente, mas apenas mestres. Por vezes eles tomam uma acção de abismar, com base na escravidão. O meu pai, quando me ensina, não me ensina criando-me medo. Não me ensina para eu ter medo da minha pessoa. O medo são os graus da inferioridade e a inferioridade nunca ganha vitória.

Nós estamos todos unidos para lutar pelo salário e por todas as causas justas, ainda que difíceis. Não temos para lutar. Quem tem medo é quem tem ignorância.

- Queremos para trabalho igual salário igual. Porque consideramos que o governo deve ser a favor do povo, não deve haver diferença nos salários, porque as dificuldades, as queixas e as misérias estão na mercearia.

- Gostaríamos que o sindicato nos apaiasse na luta contra as injustiças dos patrões. Mas se esse apoio faltar nós continuamos a lutar e com o nosso ideal.

Todos os negros estão com as mesmas dificuldades em todas as empresas, porque já mudei para diversas e encontrei sempre as coisas na mesma.

- Que os patrões escrevam nos quadros da empresa e que ponham em lugar para todos verem os salários que estão a pagar.